

ARTIGO 06

A IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO DA FÉ (IEAFE) E O HIBRIDISMO PENTECOSTAL: ENTRE AS “ONDAS” E A NOVAS PENTECOSTALIDADES BRASILEIRAS

Josias Silva¹⁷⁸

RESUMO

O crescimento contínuo do pentecostalismo brasileiro tem sido acompanhado pelo surgimento de novas igrejas que apresentam características próprias, revelando o hibridismo crescente da pentecostalidade nacional. Entre essas novas expressões destaca-se a Igreja Evangélica Avivamento da Fé (IEAFE)¹⁷⁹, cuja estrutura, liturgia e teologia ilustram o caráter multifacetado do movimento. Este artigo propõe uma análise da IEAFE a partir de observações diretas, documentos internos e informações institucionais, com base em referenciais teóricos consolidados nas ciências da religião. O objetivo é identificar elementos do hibridismo pentecostal presentes na referida igreja e discutir em que medida essas novas expressões podem (ou não) ser compreendidas pelas categorias tradicionais de classificação do pentecostalismo, como as “ondas” de Freston (1993) ou a dicotomia entre pentecostalismo clássico e o neopentecostalismo de Mariano (1999).

Palavras-chave: Igreja Evangélica Avivamento da Fé; pentecostalismo; assembleianismo; novos movimentos pentecostais; hibridismo.

¹⁷⁸ É formado em História e Teologia, é mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorando em História e Cultura das Religiões pela Universidade de Lisboa, Portugal. (FLUL). Professor no Instituto Bíblico e Teológico Filadélfia (IBTF) e na Faculdade Bíblica das Assembleias de Deus (FABAD). E-mail: prof.josiassilva@gmail.com

¹⁷⁹ A sigla “IEAFE” é adotada oficialmente pela Igreja Evangélica Avivamento da Fé. Todas as suas organizações internas utilizam o acrônimo “FÉ”, como em UMAFE (União de Mocidade do Avivamento da Fé), USEAFE (União de Senhoras do Avivamento da Fé) e RENAFE (Reunião Nacional do Avivamento da Fé), entre outros.

ABSTRACT

The continued growth of Brazilian Pentecostalism has been accompanied by the emergence of new churches with distinctive characteristics, revealing the growing hybridity of national Pentecostalism. Among these new expressions, the Evangelical Faith Church, stands out, whose structure, liturgy, and theology illustrate the multifaceted nature of the movement. This article proposes an analysis of the IEAFE based on direct observations, internal documents, and institutional information, based on consolidated theoretical frameworks in the religious sciences. The objective is to identify elements of Pentecostal hybridity present in this church and discuss the extent to which these new expressions can (or cannot) be understood by traditional categories of Pentecostalism classification, such as Freston's (1993) "waves" or the trichotomy between classical Pentecostalism, Deutero-Pentecostalism, and Neo-Pentecostalism (Mariano, 1999).

Keywords: Evangelical Faith Revival Church; Pentecostalism; Assemblies of God; new Pentecostal movements; hybridism.

INTRODUÇÃO

O pentecostalismo carrega, desde suas origens, um caráter diverso e multifacetado. No relato do Pentecostes (At 2), pessoas de várias nações ouvem os discípulos falando em línguas, o que indica, desde o princípio, uma experiência espiritual plural. Outros episódios bíblicos também evidenciam manifestações carismáticas, como as profecias de Ágabo (At 11.28), os dons espirituais nas comunidades paulinas (1 Co 12–14) e as visões narradas no livro do Apocalipse (Ap 1). Na história da Igreja, expressões semelhantes surgem em diferentes épocas e contextos: entre os chamados místicos do deserto, nos movimentos monásticos, nos profetas medievais, entre os quakers e os pietistas, nos avivamentos promovidos pelo metodismo wesleyano e, posteriormente, no avivamento da Rua Azusa (1906), considerado o marco inicial do pentecostalismo moderno. Esses exemplos revelam que a diversidade do pentecostalismo é uma

marca constitutiva e contínua ao longo dos séculos. Trata-se de um movimento que, ao se espalhar pelo mundo, assumiu múltiplas formas de expressão – as chamadas “pentecostalidades” –, sendo hoje reconhecido por sua notável expansão global e por sua capacidade de adaptação sociocultural e teológica.

No Brasil, o crescimento do evangelicalismo pentecostal, constitui um fenômeno amplamente documentado e empiricamente constatado nas últimas décadas. O Censo Demográfico de 2010 (Tabela 1) indicou que aproximadamente 60% dos evangélicos brasileiros se identificavam como pentecostais — proporção que permaneceu expressiva em 2022¹⁸⁰, quando se contabilizaram cerca de 28 milhões de fiéis vinculados a esse segmento. Ademais, estima-se que mais de 5 milhões de pessoas congreguem em igrejas pentecostais que não figuram entre os “grandes grupos” oficialmente reconhecidos pelo IBGE, sendo categorizadas genericamente como “outras igrejas” (Tabela 2). Como observa Paul Freston (2008), “o pentecostalismo é, de longe, a maior força propulsora do crescimento evangélico no Brasil e, ao mesmo tempo, a que mais se fragmenta e se multiplica em formas novas”. Entre essas novas formas encontra-se a Igreja Evangélica Avivamento da Fé (IEAFE), uma denominação emergente que, embora ainda não detenha grande visibilidade estatística, representa uma das faces do hibridismo contemporâneo do pentecostalismo brasileiro. A IEAFE se insere no que parte da literatura especializada descreve como “terceira onda” pentecostal de

¹⁸⁰“Qualquer abordagem sobre os números do Censo de 2022 neste momento toma por base os dados do agrupamento geral de religiões (evangélicos correspondem a um dos ‘grandes grupos’). Não há ainda acesso às informações referentes aos subgrupos, que assim foram classificados, conforme a composição dos grandes grupos de religião (...). Um estudo posterior dessa classificação será necessário, uma vez que cada agrupamento resulta das diferentes formas de menção pelos respondentes, o que certamente nos orientará a outros olhares, também com atenção às classificações dos outros grandes grupos” (Magali, 2025, pp. 16-17).

Freston,¹⁸¹ ou ainda como integrante dos chamados movimentos neopentecostais.¹⁸²

No entanto, torna-se cada vez mais evidente que essas categorias analíticas tradicionais não são plenamente suficientes para abarcar a complexidade litúrgica, teológica e organizacional dessas igrejas emergentes. Se as igrejas consideradas “clássicas”¹⁸³, como as Assembleias de Deus (AD), já mudaram, o que dizer, então, das oriundas delas. A IEAFE, por exemplo, apresenta elementos litúrgicos e simbólicos oriundos de múltiplas vertentes pentecostais — desde a ênfase na glossolalia e na cura divina, típicas do pentecostalismo clássico, até pequenas práticas de prosperidade e relativa (não excessiva) batalha espiritual associadas ao neopentecostalismo — evidenciando, assim, o caráter híbrido desse novo perfil eclesial.

Diante desse cenário de crescente fragmentação e reinvenção dentro do campo pentecostal, o presente estudo tem como objetivo compreender o modo como a IEAFE se desenvolve e se posiciona nesse contexto de diversidade. A

¹⁸¹ Segundo uma das categorizações clássicas do pentecostalismo brasileiro, “o pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história das três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a da década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). [...] A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início dos 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980)” (Freston, 1993, p. 70). Embora novas abordagens tenham problematizado a noção de “ondas” e ampliado as classificações, essa tipologia ainda é relevante para compreender, em perspectiva histórica, o hibridismo observado na IEAFÉ. FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

¹⁸² MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

¹⁸³ MARIANO, 1999.

investigação propõe-se a refletir sobre a seguinte problemática: como classificar denominações como a IEAFE à luz das categorias clássicas do pentecostalismo brasileiro? Essas igrejas ainda se ajustam às distinções entre o pentecostalismo clássico e o neopentecostalismo, ou apontam para uma nova etapa da pentecostalidade no Brasil?

Tabela 1

Total estimado de evangélicos no Brasil (2022)	≈ 47,4 milhões
Estimativa de pentecostais (60 % do total evangélico)	≈ 28,4 milhões

Fonte: Feito a partir do Censo 2022 – IBGE

Tabela 2

Maiores Denominações Pentecostais do Brasil
Assembleia de Deus
Igreja Universal do Reino de Deus
Congregação Cristã no Brasil
Igreja do Evangelho Quadrangular
Igreja Deus é Amor
Igreja Cristã Maranata

Fonte: Feito a partir do Censo 2022 – IBGE

1. SÍNTESE HISTÓRICA DA IEAFE

1.1 O líder pentecostal

A Igreja Evangélica Avivamento da Fé (IEAFE) foi fundada em 1988, na cidade de Osasco, São Paulo, tendo como base um grupo majoritariamente formado por pessoas das periferias urbanas. Desde sua origem, a denominação esteve sob a liderança de seu fundador e atual presidente, o pastor Dejair Batista Silvério. Natural da cidade de Pitangueiras, interior de São Paulo, o pastor Dejair frequentemente se autodenomina “o caipira de Pitangueiras”, assumindo uma identidade popular que dialoga com o perfil sociocultural de sua membresia. A fundação da IEAFE contou com o apoio direto de sua esposa, missionária Marli Silvério, e de suas filhas — Juliana, Luciana e Tatiana — que desde cedo assumiram funções ministeriais na estrutura da igreja. A trajetória de conversão do pastor Dejair está diretamente relacionada a uma experiência pessoal de sofrimento e perda. Sua primeira esposa, Maria Bezkorowayne, ex-dançarina do programa Silvio Santos, faleceu vítima de câncer. O luto levou Dejair a procurar, com incentivo das filhas, consolo em uma comunidade cristã, onde iniciou sua jornada de fé e chamado pastoral.



Imagem 1 – Pastor Dejair Batista Silvério

1.2 Iniciação da IEAFE

O primeiro ajuntamento em torno do pastor Dejair ocorreu em uma garagem na cidade de Carapicuíba, São Paulo, com participação majoritariamente de familiares e alguns seguidores que o acompanhavam em pregações e orações por enfermos. Mesmo com um estilo rígido de pregação, ele já demonstrava possuir um capital religioso¹⁸⁴, que lhe conferia *status* carismático entre os fiéis. Pouco tempo depois, a igreja foi transferida para Osasco, em um pequeno salão na rua Antônio C. Costa, onde, devido ao crescimento, os cultos passaram a ser realizados com parte dos participantes do lado de fora. Inspirado por figuras como David Miranda (ele sempre o elogia), da IPDA [(considerada como deuteropentecostalismo¹⁸⁵], pastor Dejair também enfatizava a cura divina em suas pregações. Após oito anos naquele espaço, iniciou-se a construção de um templo com capacidade para mais de mil pessoas — atual sede mundial da IEAFE (ver Imagem 2) com apoio direto da membresia.



Imagem 2 – Fachada da IEAFE

¹⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

¹⁸⁵ É chamado pelo autor deuteropentecostais as igrejas que surgiram entre as décadas de 1950 e 1980, tem-se nesse pentecostalismo, ênfase em profecias, revelações e dons espirituais, e sobretudo a cura divina (Mariano, 1999). É o que Freston (1993) chamou de segunda onda do pentecostalismo, conforme já sinalizado. Mariano (1999) utiliza o termo “deuteropentecostais” para se referir às igrejas surgidas entre as décadas de 1950 e 1980, com ênfase em profecias, revelações, dons espirituais e, sobretudo, na cura divina. Freston (1993), por sua vez, como já sinalizado, classifica esse grupo como representativo da “segunda onda” do pentecostalismo no Brasil. MARIANO, 1999.

1.3 O crescimento da IEAFE na periferia

A expansão da IEAFE se deu rapidamente, sobretudo entre famílias operárias da região metropolitana de São Paulo. A linguagem simples, os cultos intensos e os testemunhos de milagres fortaleceram a identidade da instituição. A sede da IEAFE foi construída em uma área periférica (ver Imagem 4) densamente habitada, e muitos moradores locais tornaram-se membros da igreja. Isso é uma das características dos pentecostais clássicos, diz Alencar:

Este pentecostalismo, atualmente nominado de “clássico”, foi trazido por imigrantes pobres, sendo, portanto, absolutamente marginal, por ser uma religião de pobres e pretos. Aqui cresce entre imigrantes nordestinos e alcança todo o país sempre de forma periférica.¹⁸⁶

Esse padrão reflete um traço típico do pentecostalismo, que se adapta às realidades sociais dos excluídos, oferecendo acolhimento espiritual e oportunidades de inserção social. Tal como aponta Mariz, “os grupos pentecostais fornecem aos setores populares um espaço no qual encontram apoio emocional, solidariedade comunitária e uma forma de revalorização de suas vidas”.¹⁸⁷ A IEAFE também fundou a 'Missão Filadélfia', uma casa de recuperação para alcoólatras e dependentes químicos, de onde vieram muitos dos atuais obreiros e pastores da denominação. Sobre a ressignificação social promovida pela fé pentecostal, Ivo Pedro Oro afirma: “A mensagem pentecostal constrói um sistema de significado para dar sentido à vida das pessoas. Quando as pessoas adotam essa visão, o mundo se inverte: os últimos serão os primeiros da Igreja de Deus [...]”¹⁸⁸. IEAFE surgiu em um contexto marcado pelo crescimento acelerado do

¹⁸⁶ ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância*. São Paulo: Arte Editorial, 2010, p.10.

¹⁸⁷ MARIZ, Cecília Loreto. *Religião e classe popular*. Petrópolis: Vozes, 1994, 34.

¹⁸⁸ ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013, p.84.

pentecostalismo¹⁸⁹ popular nas periferias brasileiras. Diferentemente das Assembleias de Deus tradicionais, que já possuíam mais de seis décadas de existência, a IEAFE assumiu desde sua origem uma postura que combina práticas litúrgicas clássicas com inovações estéticas e doutrinárias como veremos a seguir.



Imagem 3 – IEAFE acima e Instituto Filadélfia abaixo
Imagem 4 – IEAFE e periferia ao redor

2. LITURGIA, GOVERNO ECLESIAÍSTICO E TEOLOGIA

2.1 Modelo de culto e canto litúrgico

Em termos organizacionais, a igreja possui um governo eclesiástico estruturado, que mantém certa rigidez na doutrina, porém aberto a adaptações práticas que favorecem a atração e retenção de fiéis. Tal como líder da instituição sempre ressalta “somos uma igreja séria, porém, alegre”. A expansão da IEAFE tem ocorrido principalmente por meio de cultos nos bairros e uso crescente das redes sociais, refletindo um modelo midiático de evangelismo. Os cultos da IEAFE apresentam características híbridas entre o pentecostalismo clássico e

¹⁸⁹ Entre as décadas de 1980 e 2000, o pentecostalismo de um “boom” quantitativo. Segundo Mariano (2008) “Entre 1980 e 1991, a taxa de crescimento anual dos pentecostais foi de 7,1%. Entre 1991 e 2000, chegou a 8,3%, o que representa uma expansão quatro vezes maior que a da população brasileira no período”. Disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.htm#footnote1nota Acesso: 5.jul. 2025.

influências neopentecostais. À semelhança do modelo assembleiano tradicional, os cultos são marcados por forte carga emocional, glossolalia, pregações fervorosas e ênfase na manifestação do Espírito¹⁹⁰. A musicalidade é central na liturgia, e a abertura do culto costuma ocorrer com a oração do “Pai-Nosso”, cantada com acompanhamento instrumental. O ministério de música é valorizado e os músicos recebem formação específica. O repertório abrange desde canções pentecostais tradicionais — os chamados “corinhos de fogo” — até músicas de influência norte-americana e do mercado gospel contemporâneo. Algumas filiais utilizam instrumentos regionais, como sanfona e triângulo, aproximando-se do estilo musical nordestino, como forma de manter viva a memória dos primeiros anos da instituição.

2.2 Tradicionalismo e conservadorismo

O pastor Dejour preserva elementos conservadores herdados do assembleianismo clássico. Suas pregações, por vezes, são marcadas por um tom doutrinador, com forte ênfase nos usos e costumes tradicionais¹⁹¹. Entre as normas praticadas destacam-se: a proibição de mulheres com roupas masculinas, restrições ao uso de barba e cabelos longos para homens, e o uso obrigatório de terno e gravata pelos obreiros. O púlpito é considerado espaço sagrado e reservado exclusivamente a homens. Uma cadeira central vazia é mantida como

¹⁹⁰ MARIANO, 1999.

¹⁹¹ Essa postura é bem característica de muitos líderes do pentecostalismo de primeira onda, como é o caso de Paulo Leiva Macalão. Diversas biografias sobre Macalão o descrevem com expressões como “estilo militar”, “regras rígidas” e “conservadorismo” (Araújo, 2000; Alencar, 2010; Marina, 2013; Fidalgo, 2017). Freston (1994) o retrata como um líder de “estilo destemido e rigorismo militar”. Macalão recebia críticas por seu discurso duro e postura disciplinadora. “A força com que ele pregava, a convicção com que dirigia seus ataques ao pecado, vinha sendo, há algum tempo, motivo de censura” (Almeida, 1983, p. 37). Esse retrato também foi explorado na dissertação de mestrado de Josias Silva, intitulada “Na guerra contra o mal [...] Em marcha triunfal”: As Assembleias de Deus e a Ditadura Militar no Brasil (1964–1985) (Silva, 2020, p. 133).

símbolo de que Cristo é o verdadeiro dono da igreja, em contraste com outras denominações em que o presidente ocupa o centro do púlpito. Com exceção da “cadeira central”, as práticas refletem traços de um tradicionalismo simbólico e teológico típico das igrejas pentecostais da primeira e segunda onda.¹⁹²

2.3. A mulher na IEAFE

Embora, na IEAFE, as mulheres não sejam ordenadas ao ministério pastoral nem tenham acesso ao púlpito para pregação regular — prática comum entre igrejas de tradição pentecostal clássica —, elas exercem protagonismo significativo nas atividades eclesiais. As esposas de pastores, por exemplo, são frequentemente reconhecidas como “missionárias”, um título que corresponde à ordenação ministerial, que as autoriza socialmente a atuar como colíderes na condução da igreja. Espera-se que essas mulheres liderem grupos femininos, orientem espiritualmente outras mulheres e coordenem cultos específicos, como as chamadas “tardes de bênção” — encontros semanais com forte ênfase em louvor espontâneo, orações intercessórias e “revelações proféticas”, voltados majoritariamente para mulheres em busca de solução para dilemas pessoais e familiares. Enquanto muitas ADs mantêm a exclusão formal das mulheres do ministério pastoral¹⁹³, permitindo apenas sua atuação em funções auxiliares como o Círculo de Oração, as igrejas neopentecostais demonstram maior abertura, conferindo a mulheres títulos formais de liderança, como “pastora” ou “bispa”. A

¹⁹² FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

¹⁹³ A histórica restrição das mulheres ao Círculo de Oração nas Assembleias de Deus tem passado por mudanças graduais em diversos ministérios assembleianos, alguns dos quais já admitem a ordenação feminina ao pastorado — como é o caso da AD Madureira e de outras convenções regionais. Além disso, observa-se um crescimento expressivo da presença feminina na pregação pentecostal, com destaque para figuras amplamente conhecidas no meio evangélico, como Camila Barros e Helena Raquel, ambas vinculadas ao universo assembleiano.

IEAFE, por sua vez, ocupa uma posição intermediária: não reconhece oficialmente a ordenação pastoral feminina, mas permite formas de liderança, refletindo um hibridismo entre tradições conservadoras e práticas carismáticas mais flexíveis, comuns ao neopentecostalismo.

2.4. Governo eclesiástico

O modelo de governo da IEAFE é episcopal, com centralização de autoridade na figura do pastor presidente. Os cargos eclesiásticos são organizados hierarquicamente: pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos, diaconisas, obreiros e obreiras. Anualmente, realiza-se a RENAFE (Reunião Nacional do Avivamento da Fé) ou REINAFE (Internacional), eventos com forte carga litúrgica e espiritual, nos quais são tratadas diretrizes doutrinárias, administrativas e realizadas unções ministeriais. O Regimento Interno (RI) da IEAFE estabelece que todas as igrejas, no Brasil e no exterior, devem seguir os mesmos princípios, assegurando a unidade doutrinária.

Segundo a introdução o próprio RI:

A proposta de um impresso do RI não é outra coisa senão levar ao conhecimento de todos a parte orgânica e organizacional da nossa comunidade de fé. Nosso pastor presidente sempre diz que (guardadas as diferenças que temos uns dos outros) não temos duas igrejas IEAFE, mas, apenas uma.¹⁹⁴

¹⁹⁴ REGIMENTO INTERNO. *Igreja Evangélica Avivamento da Fé (IEAFE)*. Osasco, São Paulo: 2024, p.5.



IEAFE – RENAFAE

2.5. Influências teológicas

As influências teológicas do pastor fundador Dejour (que recai sobre a IEAFE) vêm de livros clássicos do pentecostalismo publicados pela CPAD, como: *A Bíblia Através dos Séculos* (1978), de Myer Pearlman; *Israel, Grogue e o Anticristo* (1980), de Abraão de Almeida; *Apocalipse versículo por versículo* (1985), de Severino Pedro da Silva; e *O Plano Divino Através dos Séculos* (1998), de N. Lawrence Olson. Soma-se a isso a *Bíblia de Scofield*, bastante difundida nos anos 1980–1990, com sua visão escatológica pré-tribulacionista e dispensacionalista. Essa teologia escatológica prega que a Igreja será arrebatada antes da “Grande Tribulação” (cf. Mt 24; Ap 4–18), e que há distinção entre Israel e a Igreja — o que justifica o apoio à nação de Israel nas liturgias da IEAFE, com oração regular por Jerusalém (cf. Sl 122.6-8) [sobretudo na matriz]. Tal visão, da reverência pela nação judaica, inclusive com o com bandeiras de Israel, é hoje mais comum nas igrejas neopentecostais do que nas pentecostais clássicas.

A soteriologia é ambígua: por vezes se nota um “calvinismo prático” (“Deus pode salvar até no último suspiro”), por vezes um “arminianismo meritocrático” (“Deus não salva preguiçoso”), expressão recorrente do líder nos cultos. Há influências do pentecostalismo de segunda onda¹⁹⁵ e da “confissão positiva” de Kenneth Hagin, embora sem o apelo financeiro da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A IEAFE apresenta uma mescla: doutrina bíblica conservadora com linguagem carismática e certa simbologia profética, embora de modo esporádico, não total.

3. MISSÕES, POLÍTICA E EDUCAÇÃO

3.1. Campos missionários

A IEAFE se insere com nitidez dentro da tradição do pentecostalismo de missão, cuja ênfase recai sobre o evangelismo ativo, a experiência do batismo com o Espírito Santo, a escatologia iminente, a cura divina e a salvação de almas — traços marcantes também do assembleianismo histórico brasileiro.¹⁹⁶ Completando 37 anos de existência em 2025, a IEAFE afirma contar com aproximadamente 11 mil membros distribuídos em mais de 200 igrejas no Brasil, conforme dados fornecidos pela própria secretaria geral da matriz. Desde seus primórdios, a denominação se estruturou por meio de obreiros leigos e de origem popular — em sua maioria, com baixa escolarização formal — perfil típico do pentecostalismo que emergiu nas periferias urbanas e zonas interioranas nas décadas finais do século XX.¹⁹⁷ Diversas cidades do interior paulista abrigam

¹⁹⁵ FRESTON, 1993.

¹⁹⁶ ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911-2011*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012; MARIANO, 1999.

¹⁹⁷ MARTINS, Osvaldo; MAZAREM, Pedro Roberto Souza. *Pentecostalismo pós-clássico: aproximações e distanciamentos entre ondas e neologismos*. Ad Aeternum, v. 1, p. 40–54, 2021.

congregações e subsedes da IEAFE, organizadas sob o sistema de “campos regionais”¹⁹⁸, modelo herdado da Assembleia de Deus e presente em outras redes eclesiais pentecostais. Abaixo, na Tabela 3, estão os campos da Grande São Paulo e algumas (não todas) de suas filiais.

Tabela 3 – Campos e Filiais da IEAFE em SP

Nº	Cidade	Região	Observação
1	Osasco	Grande São Paulo	Matriz
2	Osasco (Zona Norte)	Grande São Paulo	Campo
3	Pirituba	Grande São Paulo	Campo
4	Carapicuíba	Grande São Paulo	Campo
5	Barueri	Grande São Paulo	Campo
6	Santo André	Grande São Paulo	Campo
7	Bom J. Perdoes	Grande São Paulo	Campo
8	Butantã	Grande São Paulo	Campo
9	Sapopemba	Grande São Paulo	Campo
10	Tietê	Interior	Campo
11	Marília	Interior	Campo
12	Pindamonhangaba	Interior	Campo
13	Laranjal	Interior	Filial de Tietê
14	Tatuí	Interior	Filial de Tietê
15	Assis	Interior	Filial de Palmital
16	Cândido Mota	Interior	Filial de Palmital
17	Cambará	Interior	Filial de Palmital
...	Há muitas outras, cf. Tabela 4

Fonte: Dados fornecidos pela instituição (julho de 2025).

¹⁹⁸ O sistema de “campos” é um traço distintivo da organização assembleiana, no qual uma igreja-sede administra um conjunto de congregações subordinadas. Esse modelo garante controle doutrinário, disciplinar e administrativo. Ver: CAMPOS, Leonildo. *Pentecostalismo e neopentecostalismo: da rejeição à política à teologia da prosperidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Além do Estado de São Paulo, conforme indica a Tabela 4, a IEAFE expandiu-se para diversas unidades da federação¹⁹⁹.

Tabela 4 – Presença da IEAFE em Estados Brasileiros

Estado	Nº de Filiais
São Paulo	163 + matriz
Paraná	12
Minas Gerais	3
Bahia	19
Maranhão	1
Santa Catarina	2
Tocantins	10
Rondônia	2
Distrito Federal	1
Goiás	1
Alagoas	2
Pernambuco	1
Rio Grande do Sul	2
Total	206 + matriz

Fonte: Secretaria IEAFE, julho de 2025

No plano internacional, a IEAFE demonstra igualmente seu perfil missionário com presença em cinco continentes. Segundo dados da secretaria da matriz, a igreja possui núcleos com atividades regulares na América do Norte, Europa, África, Ásia e América do Sul. A Tabela 5 sintetiza essa expansão.

¹⁹⁹ Os dados sobre número de congregações podem estar subnotificados, já que muitas igrejas não mantêm cadastro atualizado junto à secretaria da matriz. Segundo registros da sede em Osasco, por exemplo, as igrejas da IEAFE em Moçambique (ver Tabela 5) somam cerca de 60 congregações, todas ainda não regularizadas no sistema oficial da denominação.

Tabela 5 – IEAFE no Exterior

Continentes	País / Cidades	Observações
América do Norte	EUA: Revere, Bridgeport, Richmond, Danbury etc.	Cultos em português, com tradução eventual
Europa	Portugal, Inglaterra, Suíça, Luxemburgo, Bélgica, França.	Cultos em português ou no idioma local
África	Moçambique, Malawi	Mais de 60 congregações, muitas ainda não registradas
Ásia	Japão: Suzuka, Toyota, Hamamatsu etc.	Cultos em português, com tradução para o japonês
América do Sul	Argentina, Paraguai, Uruguai, Peru	Cultos integralmente em espanhol

Fonte: Secretaria IEAFE, julho de 2025.

A presença internacional é monitorada pela liderança da IEAFE, com exigência de vínculos diretos com a sede, de modo a preservar a doutrina, os costumes e a identidade litúrgica da igreja. A experiência com cismas ocorridos em países como o Japão²⁰⁰, por exemplo, levou à centralização do governo eclesiástico e à realização de encontros internacionais com a presença obrigatória do presidente da denominação. Mesmo não apresentando os mesmos números de gigantes pentecostais como as Assembleias de Deus, a IEAFE destaca-se pelo alcance internacional e pela fidelidade a um modelo missionário popular e altamente dinâmico. Este fenômeno tem despertado o interesse de pesquisadores,

²⁰⁰ Em 2010 ocorreu a primeira divisão ministerial da IEAFE fora do Brasil, no Japão. O grupo dissidente passou a seguir caminhos próprios, inclusive com mudança de nome. Alencar (2012, p.87) comenta: “Ministérios (com letra maiúscula) nos três períodos sofrem mudanças. O primeiro momento, são todos por todos; aí não há divisões e as disputas acirradas; no segundo, por falta de uma organização nacional e coesa, eles se autonomizam e cada um segue seu próprio caminho; no terceiro período são todos contra todos, pois é um momento de muita concorrência”.

como Gedeon Alencar²⁰¹, que têm apontado a necessidade de se estudar essas “igrejas exportadoras” do pentecostalismo periférico brasileiro.

3.2. Visão política

Em termos políticos, diferentemente da primeira inserção pentecostal brasileira — que vivia um “distanciamento sacral” em relação ao Estado e à esfera pública, considerando a política como pertencente ao “mundo”²⁰² — o pastor Dejour sempre se mostrou ativo politicamente, embora sem alinhamento ideológico claro durante a maior parte de sua trajetória. Uma exceção notável ocorreu entre 2017 e 2022, período marcado pelo apoio ao bolsonarismo²⁰³, cuja pauta conservadora atraiu amplamente os segmentos pentecostais em oposição à agenda progressista associada ao chamado “lulopetismo” — termo cunhado em círculos da nova direita brasileira.

O pastor Dejour já apoiou diversos candidatos ao longo dos anos e nunca demonstrou a rejeição política. Esse tipo de engajamento tem sido associado, em

²⁰¹ Em conversa informal com o pesquisador Gedeon Alencar (comunicação pessoal, 2024), ele demonstrou interesse em compreender como igrejas dos novos movimentos pentecostais, como a IEAFE, têm expandido internacionalmente, com questionamentos sobre estratégias, preparo missionário e perfis dos enviados.

²⁰² ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma Interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

²⁰³ A ascensão do bolsonarismo e a reação do lulopetismo trouxeram o tema da política para o cotidiano dos membros das igrejas pentecostais, não mais restrito às lideranças, que já demonstravam envolvimento político há décadas. A polarização atual se reflete em figuras como o pastor Silas Malafaia, ligado à direita bolsonarista. No campo progressista, embora sem uma liderança centralizada, destacam-se nomes como Ed René Kivitz, Ariovaldo Ramos esse (esse assumidamente pró-Lula) Kenner Terra e Ricardo Gondim — ainda que os dois últimos não se posicionem formalmente como apoiadores de partidos. Há também líderes que mantêm postura crítica frente ao extremismo de ambos os polos, como o pastor Carlos Antônio Costa. Curiosamente, o próprio Malafaia já foi, no passado, contrário à instrumentalização político-partidária da fé, defendendo que a Igreja atuasse com responsabilidade cívica, mas sem alianças ideológicas públicas.

alguns estudos, ao chamado “pós-pentecostalismo”, conceito defendido por Siepiérki²⁰⁴, embora questionado por Mariano²⁰⁵, que argumenta que o uso do prefixo “pós” implicaria ruptura e descaracterização da identidade pentecostal, o que não se verifica nesse caso.²⁰⁶

Desde a inauguração de sua sede, a IEAFE também tem demonstrado proximidade com representantes do poder público, como se verificou na presença de autoridades e do prefeito local. Tal prática é comum no pentecostalismo brasileiro e remonta aos primeiros registros de apoio institucional entre igrejas e políticos, como documentado nos jornais *Mensageiro da Paz* das ADs desde as décadas iniciais do movimento no Brasil.²⁰⁷

O Regimento Interno da igreja expressa claramente essa postura:

ART. 79 - A Igreja Evangélica Avivamento da Fé, reconhece que o governo civil, em si mesmo, é instituído por Deus com o objetivo de estabelecer e controlar a ordem social, devendo por isso suas leis e orientações serem observadas.

²⁰⁴ SIEPIERSKI, Paulo D. “*Pós Pentecostalismo e Política no Brasil*”. Estudos Teológicos, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997. Estudos Teológicos.

²⁰⁵ MARIANO, 1999.

²⁰⁶ Sobre a concepção de Paulo Siepiérki (1997), expressa no texto *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, Mariano (1999) observa que “o prefixo *neo* é adequado justamente por implicar continuidade, e, ao mesmo tempo, novidade e mudança. Já o termo *pós*, ao contrário, implica em ruptura radical, o que praticamente transforma o ‘pós-pentecostalismo’ numa nova religião, algo fora de questão”. Essa avaliação é compartilhada nesta análise, considerando que o uso do termo “pós” indicaria uma descontinuidade que não corresponde aos processos observados no pentecostalismo contemporâneo, seja em suas formas clássicas ou neopentecostais

²⁰⁷ A dissertação de Josias Silva (2020), baseada no jornal *Mensageiro da Paz*, documenta esse processo em detalhes. Ver SILVA, Josias. *Na guerra contra o mal [...] Em marcha triunfal: As Assembleias de Deus e a Ditadura Militar no Brasil (1964–1985)*. São Paulo, 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – PUC-SP.

ART. 80 - A igreja não tem nenhuma objeção a que pessoas evangélicas participem da administração pública ou partidos políticos, pelo contrário acha bom que o façam, desde que, para tanto, não tenham que negar suas convicções de fé cristãs ou venham a praticar atos que contrariem os ensinamentos bíblicos.²⁰⁸

Como já dito, o presidente da IEAFE nunca escondeu sua simpatia pela política, ainda que muitos membros conservadores da igreja mostrem resistência ao assunto. Contudo, essa postura tem mudado paulatinamente em grande parte da membresia das igrejas pentecostais nos últimos anos. Nas palavras costumeiras do pastor Dejair: “política é a arte de governar bem, é um ofício dado por Deus e temos que valorizar o que políticos fazem”.

2.3. Educação básica e teológica

Não é novidade que muitos pentecostais têm investido em educação. Engana-se quem pensa que eles estão aquém de sistemas educacionais de ensino. Há várias escolas de ensino fundamental e médio (e superior) ligadas a denominações pentecostais, como o RAE (Rede Assembleiana de Ensino) e a EPOS (Escola Preparatória de Obreiros Siloé), que possui ensino fundamental e médio, ligada à Faculdade Refidim de Joinville, só para citar algumas. A IEAFE, embora não possua escolas dominicais sistemáticas como nas ADs, mantém um instituto educacional com formação básica completa e um instituto bíblico para formação teológica ministerial. Segundo a vice-diretora da escola, Juliana Bezkorowayne, filha mais velha do fundador da igreja, o Instituto Educacional e Cultural Filadélfia foi iniciado em 1997 com apenas o ensino infantil, atendendo aproximadamente 70 crianças. “Não demorou muito para que o número de alunos aumentasse e os próprios membros começassem a estudar e assumissem posições

²⁰⁸ REGIMENTO INTERNO, 2024, p.47.

na escola como educadores e coordenadores, e isso, incentivados pela própria igreja a estudar” (comunicação pessoal, 10, jun. 2025).

A escola, atualmente, possui uma infraestrutura que atende cerca de 300 alunos em dois turnos (matutino e vespertino), com formação do ensino infantil ao ensino médio, contando com cerca de 50 profissionais diretos. Esse investimento revela que não apenas grandes denominações investem em educação. Subgrupos menores, ligados a instituições pentecostais, ainda pouco conhecidos academicamente, têm se destacado por sua atuação educacional estruturada.

Em termos de formação teológica, a IEAFE mantém, desde a década de 1990, uma escola de capacitação ministerial. Originalmente denominada *Escola Teológica da Igreja Avivamento da Fé* (ESTEIAFE), a instituição passou por uma reformulação em 2023, adotando o nome de *Instituto Bíblico e Teológico Filadélfia* (IBTF). Conforme declaração institucional, o IBTF é compreendido como “espinha dorsal da visão teológica da IEAFE”, sendo descrito como “um construto identitário forjado no chão da experiência bíblico-missional de homens e mulheres de Deus que deram (e dão) a vida pelo seu ministério” (IBTF, 2025). O instituto oferece cursos livres de formação teológica voltados a membros e obreiros, com estrutura curricular dividida em níveis básico, intermediário e avançado. Essa iniciativa confere à IEAFE uma posição singular entre os movimentos pentecostais de menor porte, ao investir sistematicamente em educação teológica desde seus primeiros anos. Em comparação, denominações como as ADs passaram a sistematizar suas escolas teológicas (e educacional) com maior ênfase apenas nas últimas décadas.²⁰⁹

²⁰⁹ ALENCAR, 2010. FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946–1980)*. 2015. 358 f. Tese (Doutorado) –



Imagem 1: Instituto Bíblico e Teológico Filadélfia



Imagem 2: Instituto Educacional e Cultural Filadélfia

4. SINTETIZANDO O HIBRIDISMO DA IEAFE

O estudo da IEAFE revela um claro hibridismo, evidenciado tanto em suas práticas litúrgicas quanto em sua identidade teológica e social. Nos termos de Canclini²¹⁰, que utiliza o conceito de “hibridação” para explicar as culturas híbridas, “entendo por hibridação processos socioculturais nas quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Nesse sentido, a IEAFE combina elementos das ADs clássicas e práticas moderadas dos neopentecostais, constituindo uma identidade eclética e plural.

O A Tabela 6 apresenta um quadro comparativo entre a IEAFE, as ADs clássicas e outros grupos pentecostais populares e neopentecostais, destacando as diferenças em origem histórica, liturgia, estética, teologia, formação de líderes, uso da profecia, ênfase na cura e missão evangelística e inserção na política.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

²¹⁰ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000, p.19.

Tabela 6 – Quadro Comparativo

Aspecto	Assembleia de Deus (Clássica)	Outros Pentecostais (Populares/ Neo-pentecostais)	Igreja Evangélica Avivamento da Fé IEAFE
Origem histórica	Início do séc. XX, Belém/PA	Décadas de 1970–2000, foco midiático e urbano	Final dos anos 1980, identidade híbrida, iniciada pelo pastor Djair B. Silvério.
Liturgia	Estruturada, hinário, pregação	Flexível, motivacional, espontânea	Muito louvor congregacional, pregação, coreografias. Há cultos como “tarde da benção” e outros mais tradicionais como nas ADs.
Estética do culto	Formal, ambiente reverente	Palco moderno, telões, louvor animado	Algumas luzes, mas aspecto moderado em comparação às neopentecostais. Tem-se um estilo eclético, porém com equilíbrio.
Teologia predominante	Santidade, arrependimento, vinda de Cristo iminente.	Prosperidade, guerra espiritual	Santidade, arrependimento, vinda de Cristo iminente.
Formação de líderes	Seminários e faculdade	Coaching pastoral, experiência pessoal	Predisposição, vocação, seminário local.
Uso da profecia	Controlado pelos pastores	Profecias públicas, voz personalizada	Mais frequentes nos primeiros anos, mas ainda se tem alguns cultos. O líder respeita as profecias dentro dos seus limites no culto.
Cura e libertação	Moderada, ensino bíblico	Central, campanhas, sessões de cura	Fortemente enfatizada pelas experiências pessoais sobre cura que acompanham o líder da igreja,
Missão e evangelismo	Tradicional, cultos nos lares	Campanhas em massa, mídia	Tradicional, redes sociais, testemunho e milagres. Há um incentivo grande a isso, mesmo aos menos preparados, mas com vontade de fazer.

			Esse é um dos motivos da expansão.
Escola teológica	EBD, EBOs FAESP, FABAD etc.	Ensino pontual, visão profética, coaching	Semana bíblico-teológica, seminário IBTF para formação ministerial.
Ministério feminino	Mais fechado em algumas ADs é aberto em outros.	Aberto as mulheres inclusive para serem pastores e bispas.	Aberto para assumir funções protagonistas, mas não permitem o título de pastora.
Inserção na política	A partir dos anos de 1980 paulatinamente ativa	A representante do neopentecostalismo (IURD) foi uma das primeiras a eleger seus próprios candidatos	Sempre foi aberta à política desde sua origem, inclusive sempre houve candidatos nas igrejas, muito apoiados pela liderança.

Fonte: Elaborado a partir das pesquisas de Mariano (1999); Alencar (2012); Fajardo (2015)

Conforme demonstrado na tabela acima, observa-se na IEAFE uma multiplicidade de ressignificações que evidenciam seu caráter híbrido ao longo de todo o artigo. A igreja incorpora elementos do pentecostalismo de primeira onda, ou “clássico” (como os usos e costumes, a valorização da espiritualidade e a exposição bíblica), do pentecostalismo de segunda onda, ou “deuteropentecostalismo” (com ênfase em curas, milagres e campanhas), e do neopentecostalismo, ou terceira onda (notadamente na estética do culto e na linguagem de vitória). Tal combinação a distingue, em termos estéticos e litúrgicos, de outras expressões pentecostais, conferindo-lhe um *ethos* identitário próprio. Nas palavras de Francisco Rolim “o pentecostalismo brasileiro encontrará possibilidades de dar prosseguimento de mudança [...] Traços novos poderão compor-lhe uma nova fisionomia da que teve outra hora”.²¹¹

²¹¹ ROLIM, 1985, p. 260.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou analisar a Igreja Evangélica Avivamento da Fé (IEAFE) como expressão do hibridismo religioso que caracteriza o pentecostalismo brasileiro contemporâneo. Observou-se que a IEAFE reúne elementos oriundos das três grandes fases do pentecostalismo nacional: desde a doutrina da santidade e a escatologia tradicional, passando pela ênfase nos dons espirituais, até práticas carismáticas intensas, estética moderna e um posicionamento político conservador.

Como demonstrado ao longo da análise, a IEAFE apresenta uma combinação de traços que desafia as classificações tradicionais do pentecostalismo, posicionando-se como uma expressão plural, eclética e difícil de categorizar dentro dos modelos clássicos propostos pela literatura especializada. Chama atenção, sobretudo, o fato de que, mesmo enraizada em uma estética moderna e conectada com as dinâmicas urbanas, a denominação preserva um conservadorismo doutrinário e comportamental, típico de movimentos pentecostais mais antigos. Nesse sentido, a IEAFE exemplifica o que parte da literatura já anunciava como tendência de multiplicação e transformação interna do campo pentecostal. Como afirmou Ricardo Mariano, ao prever a emergência de novas formas eclesiais do pentecostalismo no final do século XX “Quanto ao futuro pentecostal, a virtual ocorrência de transformações para muito além das já realizadas nesse campo religioso, tanto faz se decorrentes de importações teológicas, de sincretismos, de idiosincrasias de novas lideranças pentecostais e, portanto, implicaria formação de novos tipos ideais para classificá-las.”²¹²

²¹² MARIANO, 1999, p. 37–38.

Concordando com essa percepção, pode-se afirmar que a IEAFE caminha na direção de uma identidade singular, marcada por um certo “assembleianismo à la carte”, ressignificado para atender às realidades urbanas, periféricas e midiáticas do século XXI. Dessa forma, conclui-se que a IEAFE exemplifica uma nova etapa da pentecostalidade brasileira, que exige categorias analíticas renovadas e sensíveis à complexidade das expressões religiosas emergentes nas margens do campo evangélico institucionalizado.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911-2011*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e seus demônios*. São Paulo: Editora 34, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Os pentecostais e a política: uma leitura da participação dos evangélicos nas eleições*. 1994. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1994.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Pentecostalismo e protestantismo histórico*. Revista Horizonte, v. 9, n. 22, 2011.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946–1980)*. 2015. 358 f. Tese

(Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Assembleia de Deus no Brasil: uma igreja que cresce enquanto se fragmenta*. Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, v. 5, n. 2, 2014. Disponível em: <https://azusa.emnuvens.com.br/revista/article/view/81>. Acesso em: 2 ago. 2025.

FRESTON, Paul. *Evangelical Christianity and Democracy in Latin America*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO – ISER. *Um Brasil mais plural? Reflexões sobre os dados de religião do Censo 2022*. Rio de Janeiro: ISER, jul. 2025. Disponível em: www.iser.org.br. Acesso em: 2 ago. 2025.

IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO DA FÉ. *Regimento interno da Igreja Evangélica Avivamento da Fé: normas e diretrizes do Ministério Avivamento da Fé (nacional e internacional)*. [S.l.]: [s.n.], 2024.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. *O pentecostalismo: o que é, onde está e seus desafios*. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; STEIL, Carlos Eduardo. *Pluralismo religioso no Brasil*. São Paulo: Attar, 2008. p. 63–74.

MARIZ, Cecília Loreto. *Religião e classe popular*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARTINS, Osvaldo; MAZAREM, Pedro Roberto Souza. *Pentecostalismo pós-clássico: aproximações e distanciamentos entre ondas e neologismos*. *Ad Aeternum*, v. 1, p. 40–54, 2021.

NÚCLEO ACADÊMICO ESTRUTURANTE DO IBTF. *A identidade teológica do IBTF*. São Paulo: Filadélfia Editorial, 2025.

ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013.

REGIMENTO INTERNO. *Igreja Evangélica Avivamento da Fé (IEAFE)*. Osasco, São Paulo: 2024.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SIEPIERSKI, Paulo D. “Pós Pentecostalismo e Política no Brasil”. *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997. *Estudos Teológicos*.

SILVA, A. da. *O caráter ambivalente do pentecostalismo brasileiro*. *Revista Foco*, v. 17, n. 5, p. e5074, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n5-049. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5074>. Acesso em: 2 ago. 2025.

SILVA, Josias. “Na guerra contra o mal [...] em marcha triunfal”: *as Assembleias de Deus e a Ditadura Militar no Brasil (1964–1985)*. 2020. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.